



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #11

AGOSTO DE 2017

Nacionalismo e Populismo: o fim da Globalização?

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

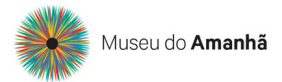
Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadora de Projetos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Sabino** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Assistente de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Trainee de Comunicação: **Clarice Perrot Cardoso** | Estagiários: **Ana Vibranovski, Evandro Osuna, Gabriel Torres, Luiz Gustavo Carlos, Mauricio Alves** | Voluntários: **Danielle Caroline Batista da Silva, Mariana Panero, Nathália Diniz** | Consultores de Projetos: **Carla Duarte, Nathan Klabin, Suzana Green Haddad** | Conteúdo Editorial: **Nilson Brandão** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

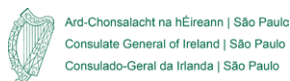
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



A União Europeia deu respostas sucessivas às sucessivas crises que enfrentou. Assim, citando um dos arquitetos da integração regional, Jean Monnet, o ex-Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, resume a força, resistência e resiliência do bloco europeu face aos desafios enfrentados desde a segunda metade da década passada, a começar com a crise financeira internacional e, em seguida, com a crise da zona do euro.

Sobrevieram depois destas a crise migratória, movimentos antiglobalização e as ameaças do populismo. Apesar das circunstâncias, que reconhece preocupantes, Durão Barroso segue confiante quanto à evolução da integração regional, ainda mais por conta dos resultados eleitorais na região, notadamente a vitória de Emmanuel Macron na disputa presidencial francesa.

“É o presidente mais europeísta que a França jamais teve”, prossegue Durão Barroso, “continuo a ser um europeísta convicto porque acho que a integração europeia foi uma das coisas mais bonitas que o mundo já viu”. A confiança no bloco tem sido expressa pelo ex-Presidente da Comissão Europeia na série de entrevistas e apresentações que tem realizado.

Uma delas, foi o debate CEBRI *Breaking News* “Nacionalismo e Populismo: O Fim da Globalização?”, em agosto, em parceria com o Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças (IEPE/CdG). O evento foi mediado pelo Presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), José Pio Borges, e pelo Conselheiro Armínio Fraga.

AGOSTO DE 2017

Nacionalismo e Populismo: o fim da Globalização?

Talvez nenhum outro conceito, senão o da resiliência, defina tão bem a capacidade com que a Europa atravessou os últimos dez anos. Depois do duplo choque da crise financeira mundial entre 2007 e 2009 e da crise da dívida pública da zona do euro entre 2010 e 2012, a União Europeia iniciou gradual recuperação, diante de novos desafios nos campos social e político. Crise dos imigrantes, recrudescimento dos movimentos antiglobalização, retirada do Reino Unido da UE, o avanço do nacionalismo e, mais recentemente, as pressões separatistas. O continente segue, contudo, resistindo e há confiança na evolução da integração regional, principalmente a partir do resultado das eleições na França, assim como na Alemanha. Esta é a visão de quem acompanhou de perto e com protagonismo a saga recente da União Europeia, considerada uma das principais responsáveis pelo ambiente de paz duradoura em cenário outrora marcado por recorrentes conflagrações.

“É o que eu tenho chamado de resiliência da Europa, um conceito que vem da física dos materiais e representa a capacidade de se manter a antiga forma depois de um período de estresse. Continuo a ser um europeísta convicto porque acho que a integração europeia foi uma das coisas mais bonitas que o mundo já viu”, conta José Manuel Durão Barroso, que presidiu o órgão executivo da UE, a Comissão Europeia, entre 2004 e 2014. Ex-Primeiro Ministro de Portugal de 2002 a 2004, Durão Barroso avalia que as instituições europeias se fortalecem a cada crise e destaca que nunca na história do continente houve 60 anos seguidos de paz. Citando Jean Monnet, consultor econômico e político francês, um dos grandes arquitetos da integração europeia, Durão Barroso resume: “A União Europeia far-se-á nas crises com respostas sucessivas em crises sucessivas”.

O ex-presidente da Comissão Europeia (CE) participou do debate CEBRI *Breaking News* “Nacionalismo e Populismo: O Fim da Globalização?”, em agosto, no Rio. O evento foi realizado em parceria com o Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças (IEPE/CdG), com mediação do Presidente do CEBRI (Centro Brasileiro de Relações Internacionais), José Pio Borges, e do Conselheiro Armínio Fraga. Na mesma semana, Durão Barroso concedeu entrevistas para os principais jornais brasileiros, em São Paulo. Presidente do Conselho do Goldman Sachs International, em setembro, gravou o *podcast* “Fluxo, Fricção e a Próxima Fase da Globalização” para o site da instituição financeira. Em comum, Durão Barroso demonstrou, nas diferentes oportunidades, sua visão de confiança no futuro do bloco regional. “Temos a prova de que a Europa é capaz de resistir ao estresse”, conclui.

Em linhas gerais, o ex-presidente da Comissão Europeia acredita que os

fluxos de trocas comerciais, financeiras, movimentação de pessoas e de turismo seguirão avançando nos próximos dez anos, apesar das fricções. “A Humanidade mexe-se, não está parada”, pondera. “Há resistências à globalização, nacionalistas, populistas, às vezes xenófobas. Penso que estamos assistindo ao fluxo e à fricção. Quem vai ganhar? Eu penso que vai ganhar a globalização. A não ser que haja um conflito global”, afirma o jurista e diplomata. Durão Barroso reconhece que tendências nacionalistas avançaram não apenas no continente, mas também em países como a Rússia e os Estados Unidos. Principalmente em 2017, com a formalização da saída do Reino Unido da União Europeia e a posse de Donald Trump na Presidência dos Estados Unidos, o tema do nacionalismo foi recolocado mais fortemente no centro do debate político internacional.

O diplomata avalia que o Brexit não foi bom para os britânicos e nem para o bloco europeu. “Obviamente, a Europa fica mais pobre sem o Reino Unido e o Reino Unido fica mais pobre sem estar na União Europeia”, analisa. Apesar de lamentar a saída britânica, ele comemora que depois do Brexit não foram confirmadas as previsões dos mais pessimistas, a respeito de um avanço do populismo e dos extremismos no continente. Ao contrário da possível escalada do nacionalismo nas eleições europeias ao longo deste ano, forças políticas de centro ou conservadoras alcançaram o poder nas principais eleições no continente. O ex-presidente da CE lembra que muito se questionava sobre o que ocorreria na Europa, depois do Brexit. “O que se passou curiosamente é que ganharam os que são contra o populismo”.

Na Holanda, em março, o liberal de direita Mark Rutte, Primeiro-Ministro do país, assegurou a vitória ante o candidato nacionalista e anti-europeu Geert Wilders. Durante a campanha, Wilders chegou a defender o “Nexit” (referência à saída da Holanda do bloco europeu), como a melhor alternativa para o país. A derrota do candidato eurocético foi considerada o primeiro revés do populismo na Europa pós-Brexit. Em maio, foi a vez da França. A candidata da Frente Nacional, Marine Le Pen, foi derrotada por Emmanuel Macron, europeísta e defensor da globalização. Em setembro, seria a vez de a chanceler alemã Angela Merkel confirmar nas urnas seu quarto mandato à frente do país, superando os sociais-democratas e a extrema-direita alemã, que, no entanto, garantiu presença como a terceira força do Bundestag (parlamento alemão).

“A vitória na França é muito importante”, diagnostica Durão Barroso. Para ele, Macron é o presidente mais europeísta que a França jamais teve. “Ganhou um projeto muito europeu”. Com um simbolismo importante, a comemoração do resultado da disputa presidencial na França, em plena Esplanada do Louvre, foi iniciada ao som do Hino à Alegria, melodia escolhida para simbolizar a União Europeia, baseada na Nona Sinfonia de Ludwig Van Beethoven. A Marselhesa, hino francês, foi executado ao fim do primeiro discurso do presidente eleito. O ex-Presidente da CE destaca, ainda, o papel da França na geopolítica do continente. Explica que a França é o único país na Europa “que é Norte e Sul”. Exemplifica que Dinamarca e Finlândia estão mais ao Norte; Portugal, ao Sul. Assim como a Alemanha está mais ao Norte; e a Itália, ao Sul. “Quando a França está mal, a Europa não está bem”, afirma.

Durão Barroso acredita que a relação positiva entre França e Alemanha é indispensável para a evolução da União Europeia. Nessa perspectiva, ressalta a opção estratégica feita pela Alemanha em favor da integração e o empenho do presidente francês para avançar nas reformas que propõe. O diplomata tem repetido reiteradas vezes, em entrevistas e discursos, a confiança em torno do futuro econômico e político da União Europeia. Ele acredita também que Macron não pode deixar de fazer algumas das reformas. Indica também que se antes a maior força defensora da Europa poderia ser considerada a Alemanha, a nova presidência francesa permite o avanço da posição alemã, com apoio agora mais firme e decidido do país vizinho.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Dez anos de integração

Proferido em outubro de 2014, o discurso de despedida do jurista e diplomata José Manuel Durão Barroso da Presidência da Comissão Europeia (CE) é um documento histórico, que reúne sua perspectiva sobre dez anos intensos do processo de integração.

Discurso de despedida da CE



http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-14-707_pt.htm

Em sua passagem pelo Brasil, Durão Barroso relembrou o Prêmio Nobel recebido pela União Europeia em 2012. “Nunca mais esquecerei o Prêmio Nobel da Paz”, prossegue Durão Barroso, “a UE é muito responsável pelo momento de paz dos 60 anos da Europa”. Durante o anúncio da premiação, naquele ano, o comitê da premiação citou justamente o papel do bloco europeu na promoção da união no continente. O então presidente do comitê do Nobel, Thorbjørn Jagland, expressou que a União Europeia e as instituições que a precederam “contribuíram durante mais de seis décadas para a paz e a reconciliação, a democracia e os direitos humanos”. No Discurso sobre o Estado da União, de 2013, Durão Barroso fez o registro sobre o prêmio recebido no ano anterior: “O Prêmio Nobel da Paz do ano passado recordou nos a conquista histórica: a Europa é um projeto de paz”, frase que iria repetir nos anos seguintes, a respeito da trajetória da integração.

A mesma resiliência e capacidade de resistir às crises observadas por Durão Barroso estiveram presentes, também, em seu discurso de despedida da presidência da Comissão Europeia, em 21 de outubro de 2014, no qual destacou a força da União Europeia. “Penso que concordam comigo quando afirmo que estes têm sido anos excepcionais e difíceis. Dez anos de crise e de resposta da União Europeia a essa crise. Não falo apenas da crise financeira e da dívida soberana - não esqueçamos que no início do meu primeiro mandato, vivemos uma crise constitucional, quando dois Estados-Membros fundadores da União Europeia recusaram, em referendo, o Tratado Constitucional. Atravessamos, assim, uma crise constitucional, uma crise da dívida soberana e uma crise financeira”.

Ao final do discurso, registro histórico de um período, Durão Barroso reafirmou a visão de que a crise financeira na primeira década do Século XXI se iniciou nos Estados Unidos

e tornou-se global, exortando todos à defesa da integração. “É certo que existiam vulnerabilidades na Europa, mas o que a União Europeia fez foi dar-lhes resposta. A União Europeia não é a causa e considero que é algo que todos que partilham o ideal europeu, de direita, esquerda ou do centro, devem ter a coragem de dizer. Porque, de outra forma, estaremos a reforçar precisamente os populismos da extrema esquerda ou da extrema direita”, declarou à época. Passados três anos, Durão Barroso reconhece os desafios do desemprego, as preocupações quanto aos nacionalismos e a inquietação das pessoas quanto ao futuro. Mas, sobretudo, mantém a convicção de que o bloco sobreviverá e se tornará mais forte.

“

Continuo a ser um europeísta convicto porque acho que a integração europeia foi uma das coisas mais bonitas que o mundo já viu.”

“

A primeira vez na História da Europa que temos paz em 60 anos.”

“

Obviamente, a Europa fica mais pobre sem o Reino Unido e o Reino Unido fica mais pobre sem estar na União Europeia.”

“

Basicamente, estou confiante em relação ao futuro da União Europeia, não apenas em termos econômicos, mas também políticos.”

“

É certo que existiam vulnerabilidades na Europa, mas o que a União Europeia fez foi dar-lhes resposta. A União Europeia não é a causa e considero que é algo que todos que partilham o ideal europeu, de direita, esquerda ou do centro, devem ter a coragem de dizer. Porque, de outra forma, estaremos a reforçar precisamente os populismos da extrema esquerda ou da extrema direita.”

(Discurso de despedida, em outubro de 2014)

- Durão Barroso



Biografias

José Manuel Durão Barroso

José Manuel Durão Barroso é um político, professor e gestor português. Foi Primeiro-Ministro de Portugal entre 2002 e 2004 e Presidente da Comissão Europeia de 2004 até 2014. Também atuou como Subsecretário do Ministério dos Assuntos Internos (1985-1987) e Ministro das Relações Exteriores (1992-1995). Atualmente, é Presidente não executivo do Banco Goldman Sachs International.

José Pio Borges

José Pio Borges é Presidente do Conselho Curador do CEBRI e Sócio-Gerente da RJX Investimentos. Serviu como Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), onde exerceu numerosas posições através dos anos. Foi também CEO da Pronor Petroquímica, Diretor do BBM-Banco da Bahia Investimentos S.A, e Diretor da Violy, Byorum & Co. É atualmente membro do Conselho de Administração da Captalys Investimentos e Diretor da Casa Stefan Zweig em Petrópolis.

Armínio Fraga

Armínio Fraga é membro do Conselho Curador do CEBRI e Sócio Fundador da Gávea Investimentos. Foi Presidente do Conselho de Administração da BMF&Bovespa. No governo, serviu como Presidente do Banco Central do Brasil, tendo previamente sido seu Diretor de Assuntos Internacionais. Foi Diretor-Gerente do Soros Fund Management LLC em Nova York, e, mais cedo em sua carreira, exerceu funções no Salomon Brothers e no Banco de Investimentos Garantia. Nos Estados Unidos, lecionou na Wharton School da Universidade de Pensilvânia e na Universidade de Columbia. É membro do Grupo dos Trinta e do Council on Foreign Relations em Nova York.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org